

# UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS  
CURSO DE LINGUÍSTICA

Área de Conhecimento: LINGUÍSTICA

Assunto: LINGUÍSTICA DESCRITIVA DAS  
LÍNGUAS BANTU - SINTAXE

Tema: PARA UMA SISTEMATIZAÇÃO DAS  
CONSTRUÇÕES RELATIVAS NO CHANGANA

Supervisor: Dr. Oliver Kr"o"ger

Estudante: FÁTIMA JOÃO MACABA

81'367 = 432.99  
M 1137  
F. LETRAS U.E.M. *α*  
R. E. 26139  
DATA 28/08/1998  
AQUISIÇÃO *de*  
COTA: *1-51*

MAPUTO, 1996

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
LINGUÍSTICA

PARA UMA SISTEMATIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES  
RELATIVAS NO CHANGANA

TRABALHO DE PROJECTO PARA A OBTENÇÃO DO  
GRAU DE LICENCIATURA

FÁTIMA JOÃO MACABA  
MAPUTO  
1996

# DECLARAÇÃO

Declaro que este trabalho de projecto nunca foi apresentado na sua essência, para obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças às contribuições que me foram prestadas de forma muito gentil por diversas pessoas.

Os meus agradecimentos especiais, em 1º.lugar ao, Dr.Oliver Kr"o"ger meu supervisor pelos conselhos dados e orientação na elaboração deste trabalho de projecto.

Aos meus professores em especial à Prof.Doutora Perpétua Gonçalves, Prof.Doutor Gregório Firmino, dr.Rosa Amélia, dr.Feliciano Chibutana e dr.Nataniel Ngomane, pelos ensinamentos e estímulo que me ofereceram ao longo dos 6 anos, e sem os quais seria impossível chegar a este trabalho.

Aos meus colegas pela amizade.

Ao Senhor João e Senhora Ana meus pais e todos os meus irmãos, pelo encorajamento.

Às minhas filhas Dgenny, Marlisa e Márcia pela falta que tiveram do amor de mãe.

Ao Frederico Nosta Cambe meu marido a quem exprimo toda a minha gratidão pela paciência; apoio moral e confiança que depositou em mim.

## RESUMO

O nosso trabalho de projecto tem como objectivo fundamental fazer a sistematização do funcionamento das construções relativas na Língua Changana.

O presente trabalho estará organizado da seguinte maneira:

No Capítulo I, que constitui a introdução, apresentaremos a formulação do problema, os objectivos do trabalho, a motivação e importância do trabalho.

No Capítulo II, teremos uma breve revisão da literatura, onde apresentaremos breves considerações sobre a Gramática Generativa Transformacional (GGT), a estrutura da gramática, a teoria X-Barra, o princípio de projecção, definições de "construção relativa", tipologia das orações relativas e a caracterização da Teoria do Movimento-Q.

No Capítulo III, apresentaremos as hipóteses.

O Capítulo IV é destinado a apresentação dos procedimentos metodológicos que seguiremos para a elaboração do projecto.

O Capítulo V é reservado a análise de dados.

No Capítulo VI será apresentada a nossa previsão de impacto. Ainda neste capítulo teremos a bibliografia utilizada no trabalho e as frases que constituem o corpus.

## ÍNDICE

	<b>Página</b>
Declaração .....	i
Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Índice .....	iv
Símbolos .....	v
<b>CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1. Formulação do problema .....	2
2. Objectivos do Trabalho .....	2
3. Motivação e Importância do Trabalho .....	2
<b>CAPÍTULO II - SUPORTE TEÓRICO</b> .....	<b>3</b>
1. Breves considerações sobre a Gramática Generativa Transformacional .....	3
2. Estrutura da Gramática .....	4
3. Teoria X-Barra .....	7
4. Princípio de Projectão .....	9
5. Definições de "construção relativa" .....	9
6. Tipologia das orações relativas .....	10
6.1. Segundo o SN relativizado .....	10
6.2. Segundo a ordem das palavras .....	11
7. A Teoria dos Movimentos=Q .....	12
<b>CAPÍTULO III</b>	
1. Hipóteses de Trabalho .....	13
<b>CAPÍTULO IV</b>	
1. Procedimentos Metodológicos .....	15
<b>CAPÍTULO V</b>	
1. Análise de Dados .....	17
<b>CAPÍTULO VI</b>	
1. Previsão de Impacto .....	21
2. Bibliografia	
3. Anexos.	

## SÍMBOLOS

CA	-	concordância do adjectivo
COMPL	-	complemento
CS	-	concordância do sujeito
CR	-	concordância da relativa
EP	-	estrutura profunda
ES	-	estrutura superficial
ESP	-	especificador
FLEX.	-	flexão
F	-	frase
FF	-	forma fonética
FL	-	forma lógica
GGT	-	gramática generativa transformacional
LB	-	Língua Bantu
LCH	-	Língua Changana
MO	-	marca de objecto
MS	-	marca de sujeito
Mrel	-	morfema relativo
N	-	nome
PC	-	prefixo de classe
PP	-	princípio de projecção
PPA	-	princípio de projecção alargado
PRel	-	pronome relativo
Pron	-	pronome
Pron.Abs.	-	pronome absoluto
Pron.Dem.	-	pronome demonstrativo
SCOMP	-	sintagma complementar
SFLEX	-	sintagma flexional
SN	-	sintagma nominal
SP	-	sintagma preposicional
Su	-	sujeito
V	-	verbo
[v]	-	vestígio

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO:

LYONS (1971:15), discutindo sobre a incorporação do pensamento na fala e na escrita afirma que "é obvio que a linguagem assume uma importância vital em todos os aspectos da actividade humana e que, sem a linguagem, todos os tipos de comunicação, a não ser os mais rudimentares, seriam impossíveis".

A transmissão de valores culturais e sociais de um povo envolve vários processos tais como folclore, mass-média, educação, etc. Todavia, a educação é a instituição particularmente preocupada com a reprodução e a transmissão de valores sociais.

Se tomarmos em consideração a função da educação na transmissão e reprodução de valores sociais, e sem nos abstraírmos do facto de que a cultura de um povo está assente na sua língua e esta, por sua vez, é um dos factores essenciais à vida humana, "torna-se evidente a necessidade de incentivar o estudo dessas línguas, conhecer as suas estruturas de subjacência para melhor entendermos o passado histórico e cultural desses povos". (KATUPA, 1996)

No caso concreto, é o estudo da Língua Changana que constitui o nosso objecto de investigação.

## **1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA:**

Com o intuito de desenvolver a ciência em geral e a linguística em particular, na área de sintaxe formularam-se hipóteses e teorias que procuravam descrever o funcionamento das construções relativas nas línguas. Tais teorias são, as vezes, consideradas como universais linguísticos. No entanto, estas teorias foram formuladas e concebidas seguindo os modelos de estruturas frásicas das línguas Europeias.

Ora, a utilização dessas teorias na estrutura das construções relativas nas Línguas Bantu (LB) parece-nos forçada, por isso pretendemos fazer uma sistematização do funcionamento das construções relativas na Língua Changana (L.CH) no quadro da Gramática Generativa Transformacional (GGT), pois que a gramática que é actual utilizada como fonte de informação é tradicional e o tratamento das orações relativas é limitado.

## **2. OBJECTIVOS DO TRABALHO:**

Temos como objectivo fundamental fazer a sistematização do funcionamento das construções relativas na Língua Changana, quanto a forma, e função, em frases em que poderá estar ou não presente o pronome absoluto, no quadro da GGT.

## **3. MOTIVAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO ESTUDO:**

A escolha do assunto e tema deste trabalho de projecto teve como motivo a fascinação que temos pelas LB faladas em Moçambique.

Ao estudarmos as construções relativas na L.CH, estaremos a dar uma modesta contribuição ao estudo das LB faladas em Moçambique em particular na sistematização da Gramática Changana, língua que é actualmente leccionada na UEM.

## CAPÍTULO II SUPORTE TEÓRICO

### 1. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A GRAMÁTICA GENERATIVA TRANSFORMACIONAL:

"Um dos propósitos fundamentais da linguística moderna tem sido construir uma teoria da gramática que seja mais geral do que a teoria tradicional - uma que seja adequada à descrições de todas as línguas humanas e não se baseie em preconceitos favoráveis àquelas línguas cuja estrutura gramatical é semelhante à do Grego e do Latim". (LYONS:72).

Uma dessas gramáticas é a Gramática Generativa Transformacional (GGT), na qual irá se basear o nosso trabalho, porque pareceu-nos a mais adequada para os nossos propósitos de investigação, partindo da asserção de WARDHAUGH (77:124), segundo a qual a GGT é a gramática das frases, por um lado, e por outro a consciência que temos de que as relativas na L.CH envolvem transformações, visto que, este tipo de orações são uma subdivisão do grande grupo de orações subordinadas. Sendo assim achamos que a GGT explicará melhor a estrutura frásica das construções relativas.

Sobre a constituição desta gramática WARDHAUGH (77:123) observou que a GGT contém dois conjuntos de regras. "Um conjunto designado REGRAS DE ESTRUTURA FRÁSICA - aquelas que geram estruturas profundas, e um outro conjunto de regras designado REGRAS TRANSFORMACIONAIS, que transforma as estruturas profundas em estruturas de superfície".

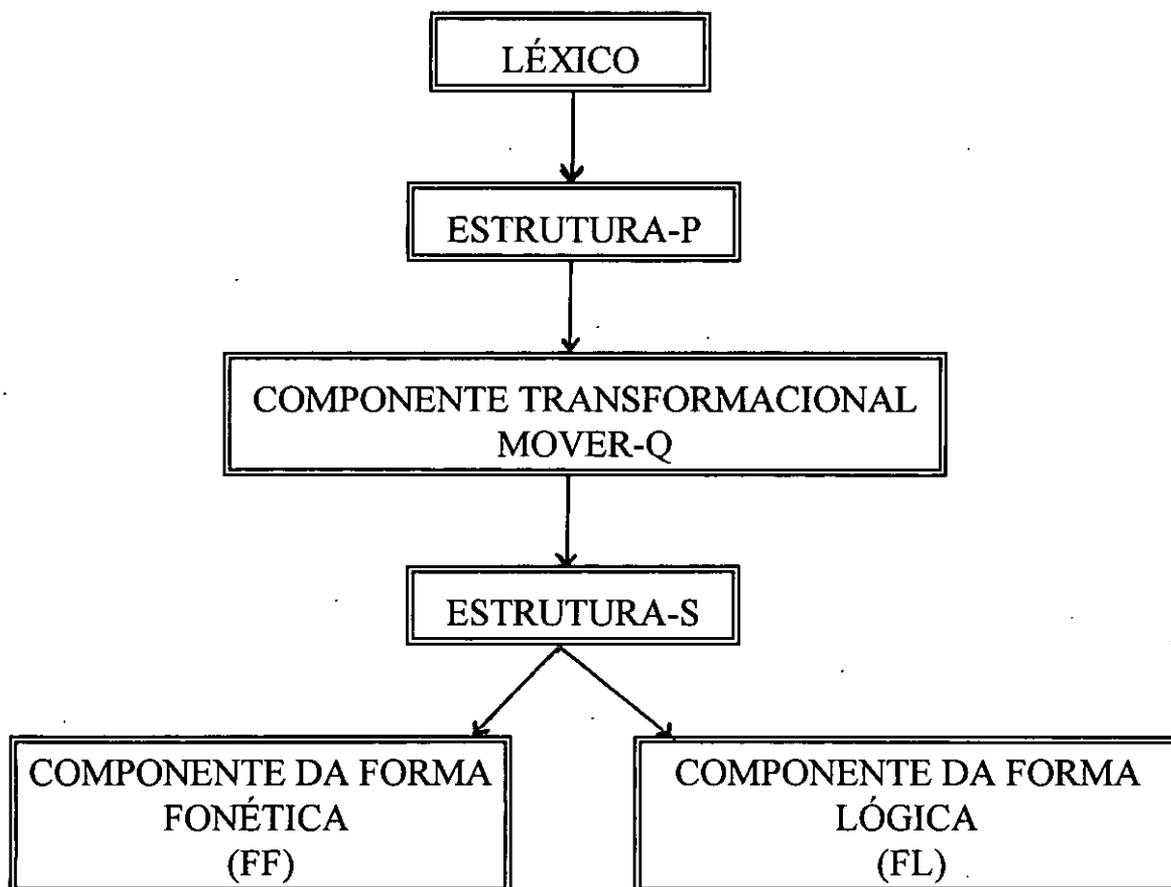
Os objectivos da GGT foram apresentadas por BRITO (91:15) como sendo:

- Fornecer teorias das línguas naturais;
- Tentar compreender a natureza do conhecimento linguístico por parte dos sujeitos falantes-ouvintes;
- Fornecer hipóteses acerca do modo de aquisição desse conhecimento linguístico.

Segundo (CHOMSKY:65) citado por BRITO (91:16) "a GGT tem como objectivo descrever a competência, isto é, o conhecimento da gramática da língua e que permite aos sujeitos falantes independentemente do grau de inteligência fazer um uso sempre criativo da sua língua".

## 2. ESTRUTURA DA GRAMÁTICA:

O modelo de gramática que apresentaremos foi por nós reestruturado, proposto por (CHOMSKY:88) e adoptada por CAMPOS e XAVIER:(91), eis a sua configuração:



(Estrutura da Gramática-Diagrama 1)

A leitura deste modelo é feita de cima para baixo, seguindo a indicação das setas.

De acordo com RAPOSO (92:89) "o léxico é a componente do modelo gramatical onde se encontram as informações de natureza fonológica, sintática e semântica sobre os itens lexicais individuais". Podemos assim considerar o léxico como parte central de qualquer teoria gramatical.

No léxico, cada item apresenta uma entrada lexical, tais itens são articulados com a sintaxe através dos princípios de projecção (P.P.) em consonância com o princípio de subcategorização e inserção lexical construindo deste modo frases na sua estrutura profunda (EP).

Neste nível de representação, refere (Idem:110) que as relações de dependência são representadas localmente e os sintagmas nominais (SN) ocupam as posições canónicas onde essas funções se definem.

A passagem da (EP) para a (ES) a frase é submetida a componente transformacional que é constituída por várias regras de movimento. A aplicação dessas regras de movimento deriva numa estrutura representativa das relações hierárquicas e lineares efectivamente presentes na frase - a (ES). (cf.Idem).

Na actualização da fala temos mais um nível de representação abstracto que é a F.L., sendo para RAPOSO (92:137) o nível "cuja função consiste em repretar os aspectos do significado de uma oração que são determinados pelas suas propriedades estruturais" e a FF que é a componente na qual entram em jogo a aplicação correta dos sons da língua.

Para definirmos as componentes deste modelo teremos como base Brito 91, CAMPOS e XAVIER 91, e WARDHAUGH 77.

De acordo com BRITO (91:17) o léxico, a componente Mover- , a Forma Fonética (FF) e a Forma Lógica (FL) são as componentes e subcomponentes da gramática.

Para CAMPOS e XAVIER (91:45) "o léxico é o dicionário de uma língua e contém todos os itens lexicais, entradas lexicais, articuladas com a sintaxe através do Princípio de Projecção (PP) e Princípio de Projecção Alargado (PPA)". Os mesmos autores definem a Estrutura-P e a Estrutura-S do seguinte modo:

- A representação da Estrutura-P é, por um lado, derivada da projecção da informação lexical, tal como é previsto pelo PP, associado ao PPA; por outro lado, determinada pela Teoria X-Barra, que condiciona as representações sintáticas.

- A representação da Estrutura-S é o resultado de eventuais transformações da Estrutura-P, devido a aplicação da regra de movimento de constituintes-a regra Mover-

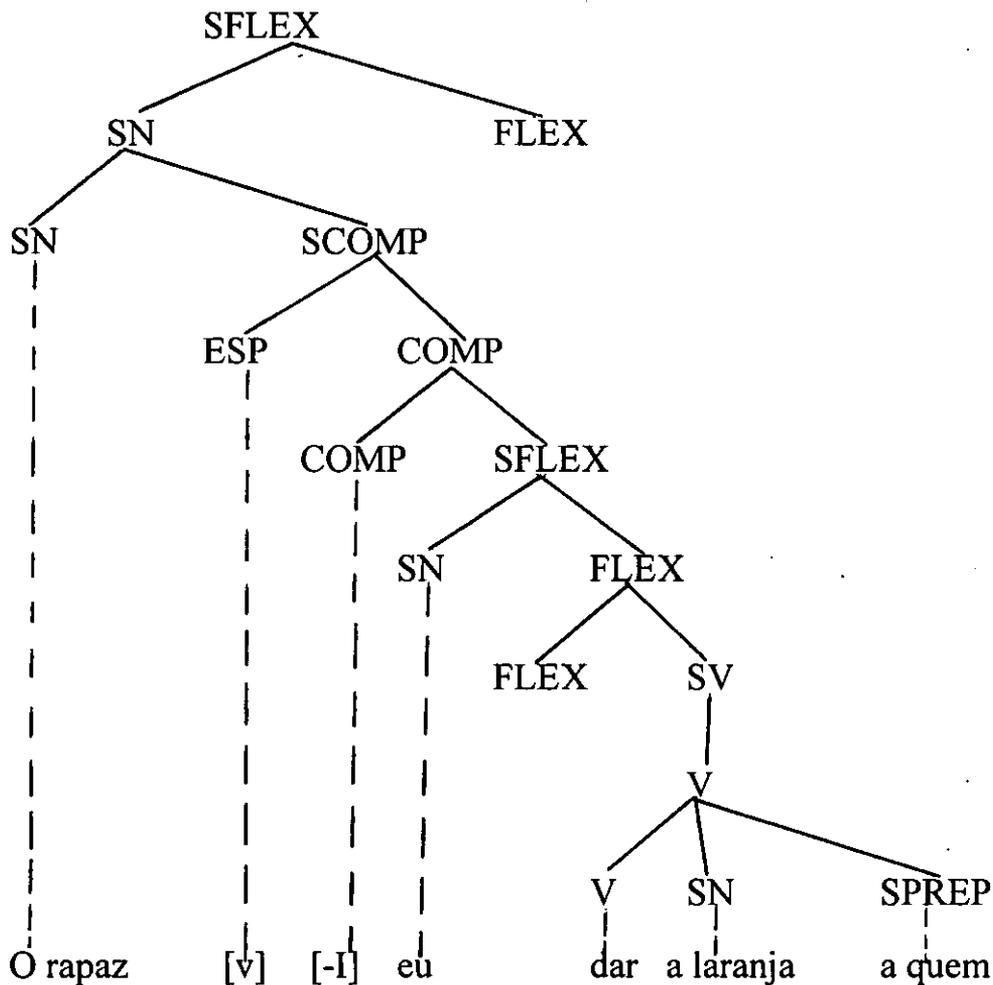
Ainda sobre os constituintes da gramática, WARDHAUGH (77:120) refere que, "a componente Transformacional (Mover- ) transforma a Estrutura-P para a Estrutura-S, através de regras transformacionais".

Para BRITO (91:14), "a Componente da FF é a representação da FF da Estrutura-S e a Componente da FL é a representação da FL da Estrutura-S".

Tomemos como exemplo a seguinte frase:

1.O rapaz a quem eu dei a laranja.

A sua representação na Estrutura-P seria:



A representação da mesma frase na Estrutura-S seria:

2.O rapaz	a quem	eu	dei	a laranja	[v]
	I				I
	I				I

Na Língua Portuguesa os morfemas relativos são movidos por uma regra de movimento para o início da frase, há uma mudança da posição do morfema relativo-Q deixando uma categoria vazia designado vestígio que é coindexado com o constituinte movido, visto que é cópia categorial desse constituinte e é uma categoria que não domina um item lexical fonético. Assim foram respeitados os PP, PPA e as propriedades de subcategorização do verbo "dar", que selecciona um [SN/OD], ([SP/OI]).

### 3. TEORIA X-BARRA:

De acordo com BRITO (91:18) a Teoria X-Barra "condiciona a forma das categorias e a maneira como as categorias se organizam na Estrutura-P" e apresenta os seguintes princípios fundamentais:

- "As categorias sintáticas obedecem a uma forma geral e homogênea. Cada categoria, X", é a projecção de um núcleo, X ou simplesmente X; uma projecção máxima só pode dominar uma categoria do mesmo tipo;"

$$X'' \text{ \_\_\_ } \dots X' \dots \qquad *X \text{ \_\_\_ } \dots Y' \dots$$

Ex.: SN projecção máxima de N e não SN projecção máxima de V, isto é,

[ O copo] só pode ser projecção máxima

SN

de [ O [ copo]] e não de [ O [ comer]]

Det N

Det v

- "Além de uma posição de núcleo, cada categoria "X" contém uma posição de especificador (ESP) e uma posição reservada ao(s) complemento(s) (COMPL) (em que ESP e COMPL estão a ser usadas aqui como etiquetas e não como categorias)".

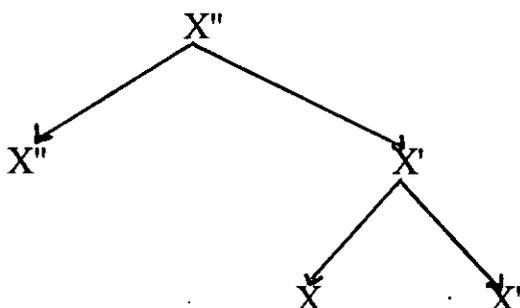
BRITO (91:18) afirma ainda que “a ordem relativa entre o núcleo e os complementos não é universalmente idêntica e obedece a uma variação parametrizada”.

CHOMSKY citado por BRITO (91:19) refere-se ao esquema geral a que a forma das categorias obedece como sendo:

$$X'' = [X'' \ X'] \quad \text{e} \quad X' = [X \ X'']$$

(Categorias Sintáticas - Diagrama2)

Tais categorias podem ser apresentadas em termos de Indicador Sintagmático do seguinte modo:



(Indicador Sintagmático de categorias sintáticas-Diagrama3)

As categorias lexicais N, V, ADJ e PREP, podem ser analisadas em termos de traços semânticos: através dos traços  $[\pm N]$ ,  $[\pm V]$  é possível descrever as quatro categorias referidas em:

N	V	ADJ	PREP
[+N]	[-N]	[+N]	[-N]
[-V]	[+V]	[+V]	[-V]

Se tomarmos em consideração o segundo princípio fundamental da Teoria-X Barra, segundo o qual, cada categoria "X" contém uma posição de especificador e uma posição reservada aos complementos, a posição tomada por CHIBUTANA (95:27) citando CHOMSKY, (1986), que estabeleceu o local de poiso dos morfemas-Q como sendo a posição de ESP de SCOMP, e associarmos a afirmação de BARBOSA (s.d.114 e 117) segundo a qual "existem quatro demonstrativos conjuntivos que são qual, quem, cujo, que.

Chamam-se demonstrativos porque, assim como os demonstrativos puros indicam os objectos pela sua localidade, assim estes os mostram pela sua antecedência imediata: que por isso os gramáticos commumente lhes dão o nome de relativos porque se referem a coisa antecedente".

Podemos admitir por hipótese, que o demonstrativo que toma a posição de poiso dos morfemas-Q, isto é, posição imediata ao antecedente na L.CH. funciona como um pronome relativo.

Reforça ainda esta nossa posição GIVON (90:656) ao referir que os pronomes relativos do Alemão são historicamente demonstrativos.

Assim para o nosso trabalho consideraremos o pronome demonstrativo (Pron.Dem) que antecede o nome na L.CH como um pronome relativo (PRel).

#### 4. PRINCÍPIO DE PROJECCÃO:

A articulação entre a sintaxe e o léxico é determinado por um princípio Universal-O Princípio de Projecção. Este define que todas as representações sintáticas projectadas do léxico, devem respeitar as propriedades de selecção dos itens lexicais. (cf.Campos e Xavier 91:14):

Por exemplo, o verbo "Kuxavisa" (Vender) deve projectar obrigatoriamente um complemento [SN/OD] e facultativamente um ([SP/OI]).

#### 5. DEFINIÇÃO DE "CONSTRUÇÃO RELATIVA":

Segundo GIVON (90:645) "as orações relativas são orações subordinadas encravadas -como modificadores do nome- dentro do nome frásico. Quando encravadas como parte integrante da estrutura do nome frásico, as orações relativas aparecem sob o mesmo contorno de entoação". GIVON admite ainda que funcionalmente, as orações relativas fazem parte da gramática de referência anafórica e identificação referencial.

Nas LB, as definições das orações relativas, são apresentadas com uma ligeira diferença.

Para FORTUNE (55:181) o qualificativo relativo é uma palavra ou frase que:

- Consiste de, ou contém como elemento essencial, um predicado.
- Expressa uma acção ou estados qualificativos de um substantivo.
- Em termos de concordância está relacionado com um substantivo através da concordância da relativa (CR).

NKABINDE (86:93) citando STOCKWEL et al (73:422) refere-se as orações relativas como sendo derivadas por "conjoined sentences" ou por "sequências de correspondência de duas frases independentes".

Neste trabalho teremos como ponto de referência estas duas últimas definições, porque são as que mais se adequam com a estrutura frásica da língua em estudo.

É relevante fazer referência a discussão sobre a hierarquia entre as orações relativas e orações adjectivas.

COLE (61:186) classifica as relativas como uma subdivisão das orações adjectivas.

Contudo NKABINDE (op.cit.92) indica SANDILAND (53:100) como primeiro Linguísta Bantu a observar que no Setwana e indirectamente em outras LB, não há orações adjectivas e que os qualificativos adjectivais são sub-assumidos dentro das construções relativas.

Segundo a observação de NKABINDE somos de opinião que também na LCH os adjectivos são sub-assumidos dentro das construções relativas.

## **6. TIPOLOGIA DAS ORAÇÕES RELATIVAS.**

### **6.1. Segundo o SN relativizado.**

Apresentaremos este tipo de relativas segundo a perspectiva de TALJAARD e BOSCH, 1993.

### **6.1.1. Relativas Directas:**

Diz-se que uma relativa é directa quando o sujeito ou objecto da oração principal é também antecedente do verbo relativo.

**Ex.3:** Timbuti leti tifambeke.

"Cabrito que foram".

Os cabritos que foram

### **6.1.2. Relativas Indirectas:**

Diz-se que uma relativa é indirecta quando o sujeito da oração principal e o antecedente do verbo relativo não é o mesmo; temos uma relação indirecta entre a oração principal e a relativa.

**Ex.4:** Xifambo lexi mamana axaveke xona xi xongile

"O sapato que a mamã comprou é bonito".

As relativas indirectas podem ser divididas em:

- Relação Possessiva do objecto.

**Ex.5:** Nuna lwey xibomba xake xi xavisiweke

"O homem cujo machimbombo foi comprado".

- Relação Possessiva do sujeito.

**Ex.6:** Vana lava mamana wavo afeke.

"As crianças cuja a mãe morreu".

- Relação Adverbial Locativa

**Ex.7:** Ndlela leyi hi fambaka ko yona

"O caminho no qual andamos".

- Relação Adverbial Instrumental.

**Ex.8:** Mukwa lowo vadlayeke hi wona mbuti

"A faca com a qual mataram o cabrito"

## **6.2. Segundo a Ordem das palavras:**

Este tipo de relativas são discutidos por (COMRIE, 1982:145) e de acordo com a ordem das palavras das línguas, estas dividem-se em:

**6.2.1. Relativas Pós-Nominais-**Onde a oração relativa segue a sua cabeça. Tal como no Inglês e Changana.

**Ex.9:** Inglês - The men [who Stefan saw].  
O homem que Stefan viu  
"O homem que o Stefan viu"

**Ex.10:** Changana - Xifanisu [lexi ninikeke mamana tolo] xi xongile.  
Fotografia que eu-dei mamã ontem é bonito  
"A fotografia que eu dei à mamã ontem é bonita".

**6.2.2. Relativas Pré-Nominais-**Onde a oração relativa precede a sua cabeça. Tal como em Turko.

**Ex.11:** Turko - [Hasan-in Sinan-a ver-dig-i] batates-i yedim.  
Hasan de Sinan para dar sua batata Acus Eu come.  
"Eu comi a batata que Hasan deu para Sinan."

**6.2.3. Relativas Inter-head-**Aquelas em que a cabeça ocorre dentro da oração relativa. Estas ocorrem, por exemplo, na língua Bambara.

**Ex.12:** Bambara [Tyè be [ n ye so min ye] dy.  
Homem o Pres Eu Pas casa ver construir  
"O homem está construindo a casa que eu vi".

## 7. A TEORIA DO MOVIMENTO-Q:

O Movimento-Q é uma das regras inseridas na grande componente transformacional "MOVER- ". Segundo BRITO (91:55) "a regra de movimento-Q toma a sua essência e é aplicada em análises primárias na GGT, quando estudiosos começam a pôr em causa a existência de regras transformacionais isoladas (T relativização e T interrogação)" (SIC).

RAPOSO (92:122) define "MOVER- " como "uma regra que move constituintes interrogativos ou pronomes relativos para uma posição periférica da frase nas orações interrogativas parciais e nas orações relativas, respectivamente". Para RAPOSO, os constituintes movidos por tal regra -à exceção de onde e como -conterem ou consistem (n) um item cuja primeira letra é Q, sendo por isso chamados constituintes Q (constituintes WH em Inglês).

De acordo com HUANG92 Mover- é um fenómeno universal, diferindo a sua aplicação de língua para língua, pois que se numa a sua aplicação parte da E.P. para a E.S., noutras pode partir da E.S. para a F.L.. De acordo com FIRMINO90, a transposição desta postura para o Tsonga demonstrou que para as frases interrogativas e relativas envolvendo um argumento externo, evidencia-se o movimento na sintaxe, enquanto que com um argumento interno, o movimento ocorre na F.L.. Quer dizer, de acordo com o postulado de HUANG, o movimento-Q aplica-se em Tsonga: ou na sintaxe ou na F.L., de acordo como o tipo de argumento envolvendo (cf.Firmino 90:4.5).

Se na Língua Portuguesa estes constituintes são designados por morfemas Q pelo facto de os constituintes movidos consistirem num item cuja primeira letra é Q e no Inglês serem designados por WH pela mesma razão. Seguindo o mesmo argumento, na L.CH. estes constituintes podem ser designados por constituintes L.

Tendo em conta o tipo de estudo a que nos propomos realizar, usaremos como base do nosso trabalho a estrutura frásica tendo como suporte a estrutura da gramática, a teoria X-Barra e o princípio de projecção dentro do quadro teórico da G.G.T. recorrendo a asserção de que o Movimento-Q pode ocorrer dentro da sintaxe ou na forma lógica. Para tal colocamos como hipótese o seguinte:

## CAPÍTULO III

### 1-HIPÓTESES

Através do estudo poderíamos concluir o seguinte:

§-A marca da construção relativa na L.CH. varia em tempos verbais.

#### a. Presente:

No presente o radical verbal recebe o morfema-aka, e a forma negativa realiza-se com os morfemas de negação- nga- e -i.

**Ex.13:** Lava varandzaka kutirha hi lava.

"Os que gostam de trabalhar são estes".

**Ex.14:** Lava vangarhandziki kutirha hi lava.

"Os que gostam de trabalhar são estes".

#### b. Pretério Perfeito:

No perfeito o radical verbal recebe o morfema- cke e/ou pelos morfemas- nga- e -a. A forma negativa realiza-se com os morfemas- nga- e -angiki-, ou na forma perifrástica com o verbo auxiliar- kala que significa "falhar, não fazer".

**Ex.15:** Lava vajeke nyama vatsakile.

"Os que comeram carne estão contentes".

**Ex.16:** Lava vangaja nyama vatsakile.

"Os que comeram carne estão contentes".

**Ex.17:** Lava vangajangiki nyama avatsakanga.

**Ex.18:** Lava vakala vangajanga nyama avatsakanga.

"Os que não comeram a carne não estão contente".

§§-A formação das orações relativas na L.CH. obedece duas estratégias:

Relativas cuja formação envolve o Movimento-Q e a estratégia da lacuna, como podemos verificar na seguinte frase:

**Ex.19:** Xifambu xi xongile  
"sapato é bonito".

**Ex.20:** Ndzixavile xifambu.  
"comprei sapato".

**FRASE RELATIVA:**

**Ex.21:** XIFAMBU LEXI NDZI - XAV - EKE [v] XI XONGILE.  
"sapato P.Rel eu- comprar - MRel é bonito".  
"O sapato que comprei é bonito"

Relativas cuja formação não envolve o Movimento-Q , mas utiliza a estratégia do pronome absoluto. Tomemos como exemplo a seguinte frase:

**Ex.22:** Ndlala hi lehile.  
"caminho é longo".

**Ex.23:** Ufamba hi yona.  
"andas por ele/nele".

**FRASE RELATIVA:**

**Ex.24:** NDLELA LEYI U-FAMB-AKA HI YONA HI LEHILE  
"caminho PRel tu- andar- MRel PRes é longo".  
"O caminho pelo qual andas é longo".

## CAPÍTULO IV

### 1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Para a realização de um trabalho de investigação existem três tipos de investigação:

- A Investigação descritiva
- A Investigação qualitativa
- A Investigação experimental. SELIGER H.W. e SHOHAMY E. (89:112-134).

A nossa pesquisa seguirá o tipo de investigação descritiva, porque parece-nos pertinente para os nossos propósitos de investigação, visto que iremos incidir a nossa análise na estrutura frásica, dentro da perspectiva generativa transformacional.

Tomaremos como base de análise o método indutivo, que de acordo com (DUBOIS et al.1973), consiste em linguística na recolha de corpus de enunciados do qual se extrai, por segmentação e substituição, classes ou listas de elementos e regras que permitem das conta de todas as frases.

Segundo CASTELEIRO (81:5) a obtenção de dados para se efectuar uma análise sintática há, fundamentalmente dois métodos. Os dados se obtém constituindo, ou um corpus de actos de performance, orais e escritos, no qual se fará uma pesquisa sistemática das construções que nos interessa analisar, ou então recorrendo à introspecção, isto é, fazendo intervir a competência de falante do próprio linguista, a qual lhe fornecerá os dados para a análise.

Neste trabalho usaremos os dois métodos e a recolha de dados será feita de acordo com as formas seguintes:

- Através da abordagem observacional participante (porque somos falantes de Ronga, língua aparentada com o Changana).
- Abordagem observacional não participante (em sessões de missa na Igreja Missão Fé Apostólica). Em particular na evangelização cujos oradores são pessoas acima de 38 anos, pastores que lêem, falam e escrevem na L.Ch. o que nos leva a crer que o conhecimento que têm da língua pode ser considerado definitivo.

- Recolhemos também frases do programa dramatizado e radiofonizado "MABHULU HI KU AKANA", produzido na Emissão Interprovincial Maputo e Gaza.
- Usaremos, igualmente, frases extraídas do livro "Musongi" da autoria de Bento Siteo, que achamos ser um informante ideal da L.CH.

Os dados que constituem o corpus serão organizados em dois grupos: No primeiro teremos as relativas com pronome absoluto, no segundo grupo apresentaremos relativas sem o pronome absoluto e daremos maior relevância a segmentação verbal e a tradução interlinear.

Nesse corpus apresentaremos algumas frases retiradas dos quatro (4) grupos de frases no total de 120 que organizamos de acordo com a fonte. Deste modo as frases terão no fim a indicação da fonte e o número e as siglas serão as seguintes:

- I. - Igreja
- M.A. - Mabhulu hi ku akana
- M - Musongi
- O.P - observação participante

## CAPÍTULO V

### 1. ANÁLISE DE DADOS

Na análise debruçaremos-nos sobre dois aspectos:

Por um lado a forma e por outro a função.

Na forma, procuraremos fazer a especificação da ocorrência dos morfemas relativos na L.CH.. Na função, como já nos referimos anteriormente, faremos a análise da estrutura frásica, baseando-nos na Teoria X-Barra, P.P. e Teoria do Movimento-Q. Teremos como dados para a análise duas frases; uma relativa sem pronome absoluto e outra com pronome absoluto. A análise poderá ser aplicada a qualquer frase a que pertence a frase analisada.

#### **FORMA:**

**Ex.25:** Lembe leri ri - hundz - aka.

"Ano PRel Ms - passar - MRel.

"O ano que passa".

**Ex.26:** Lembe leri ri - nga - hundzik i.

"Ano PRel Ms- Neg - passar MRel.

"O ano que não passou".

Na frase (25) podemos constatar que a marca da relativa é um sufixo verbal -aka, contudo temos a ocorrência do pronome demonstrativo, que para nós funciona como P.Rel. entrando na CR. com o antecedente, de acordo com a classe nominal do último. Todavia o P.Rel. ocorre opcionalmente, sendo a sua presença neste caso motivada por factores semânticos tendo a função determinante.

Para passar a frase para a negativa o sufixo-aka é substituído pelo sufixo-i mais a partícula de negação-nga que é afixado ao mesmo verbo como prefixo, temos igualmente a presença o P.Rel. (opcional), como podemos verificar na frase 26.

O pretérito perfeito realiza-se com dois morfemas diferentes. Ou através do morfema-eke como sufixo ou com o prefixo-nga em simultâneo com o sufixo-a, e pode ser ilustrado com os seguintes exemplos:

Ex.27: Lembe leri ri - hundz - eke.  
 "Ano PRel Ms - passar - MRel".

Ex.28: Lembe leri ri - nga - hundz - a.  
 "Ano PRel Ms - MRel - passar MRel".  
 "O Ano que passou".

A forma negativa destas frases realiza-se da mesma maneira. Tomemos em consideração as seguintes frases:

Ex.29: Lembe leri ri - nga - hundz - angiki  
 "Ano PRel Ms - MRel - passar - Neg".  
 "O Ano que não passou".

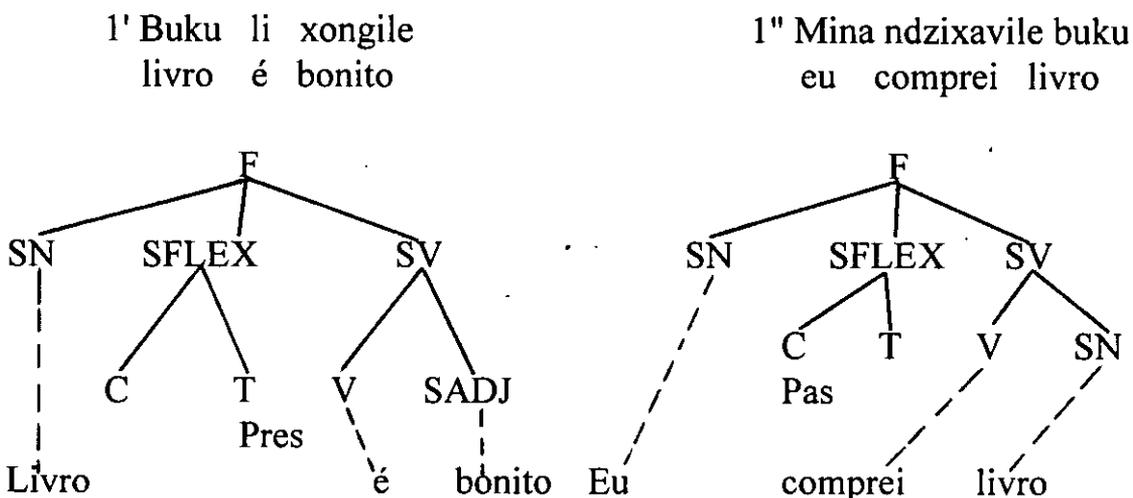
A MRel nga que ocorre nas frases (28 e 29) é diferente do nga que ocorre como marca de negação em (26) porque este funciona como marca de negação quando a sua ocorrência é em simultâneo sufixo-*i*.

### FUNÇÃO:

Tomaremos para análise as seguintes frases:

1. Buku leli mina ndzixaveke lixongile.
2. Tihomu leti mina ndzixaviseke tona kokwane hi ta Zimbabwe.

A frase (1) está apresentada na estrutura de superfície, mas a sua formação envolve a correspondência de duas frases independentes através da componente transformacional, que podem ser apresentadas do seguinte modo:





fonética apresentando traços do antecedente que são copiadas através da CR.

Parece-nos que a evidência da existência do movimento da EP para ES não é o pronome demonstrativo, per si, mas o vestígio deixado pelo movimento, os princípios respeitados e a estrutura de subcategorização do verbo na relativa.

Na frase (2) o verbo subcategoriza um [SN/OD (SP/OI)], neste caso, "tihomu" e "Kokwane". Ora, se admitirmos que este SN foi movido da sua posição de base, seria obrigatório a presença do vestígio. Contudo, neste tipo de relativas, a posição de lacuna que se esperaria, aparece preenchida por um pronome absoluto que é coreferencial ao antecedente da relativa. Aparentemente parece que o verbo selecciona dois argumentos -um SN movido e um pronome. Mas estes dois elementos não podem ocorrer em simultâneo na mesma posição, porque estaríamos a violar as propriedades de seleção do verbo vender.

O pronome absoluto é coindexado com o SN relativizado. Assim parece-nos evidente que este foi gerado na estrutura-P.

## CAPÍTULO VI

### 1. **Previsão do Impacto:**

Com a eventual realização deste Projecto, apartir dos dados apresentados, poderíamos comprovar as nossas hipóteses anteriormente expostas, segundo as quais:

1. A marca da relativa na L.CH. varia em tempos verbais, tendo como variável a polaridade afirmativa e polaridade negativa.
2. A formação das orações relativas na L.CH. obedece a duas estratégias:

Sistematizando a ocorrência do Morfema Relativo na L.CH., de acordo com o tempo verbal e a variável polaridade teríamos o seguinte quadro:

TEMPO	POLARIDADE	MORFEMA RELATIVO
PRESENTE	AFIRMATIVA	-aka
	NEGATIVA	-nga + -i
PRETÉRITO	AFIRMATIVA	-eke- , -nga- + -a
	NEGATIVA	-nga- + -angiki

Por outro lado, poderíamos afirmar que ficou evidente a existência de duas estratégias para a formação das construções relativas na L.CH.

- Por Movimento-Q e a estratégia da lacuna.
- Sem Movimento-Q e a estratégia do pronome absoluto.

Quer dizer, esperamos verificar uma estrutura frásica específica no tocante às construções relativas da L.CH.. Se no futuro pudéssemos concretizar a investigação proposta neste trabalho de projecto, seria do nosso agrado, visto que seria útil aos estudantes de Tsonga e Linguística em geral, na Faculdade de Letras.

2. **BIBLIOGRAFIA:**

1. BRITO, A.M. (1991) A SINTAXE DAS ORAÇÕES RELATIVAS EM PORTUGUÊS.

Porto: Instituto Nacional de Investigação.

2. CAMPOS e XAVIER (1991) SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS.

Lisboa: Universidade Aberta.

3. CASTELEIRO, J.M. (1981) SINTAXE TRANSFORMACIONAL DO ADJECTIVO\*. Regência de construções completivas.

Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

4. CHIBUTANA, F. A estratégia do pronome resumptivo na formação de orações relativas restritivas de objecto e de obríquo do Português de Moçambique. (1995). Dissertação apresentada para a obtenção do grau de licenciatura. Faculdade de Letras. U.E.M.

5. COMRIE, b. (1982) LANGUAGE UNIVERSALS AND LINGUISTIC TYPOLOGY, 2ª.ed.

Los Angeles: Basil Blackwell, p.145.

6. COWPER, E.A. (1992) A CONCISE INTRODUCTION TO SYNTACTIC THEORY.

THE GOVERNMENT-BINDING APPROACH. London:  
The University of Chicago Press. p.106

7. DOKE, C.M. (1967) THE SOUTHERN BANTU LANGUAGE.

London: International African Institute, p.11,61 e 62.

8. DUBOIS, J. (1973) Dicionário de Linguística.

São Paulo: Editora Cultrix

9. FORTUNE, G. AN ANALYTICAL GRAMMAR OF SHONA.

New York: Longmans, p.181.

10. GIVON, T. (1990) SINTAXE: A Functional-Typological Introduction VII  
Amsterdam/Philadephia: John Benjamins P.C., p.644=697.

11. GUMA S.M. (1971) AN OUTLINE STRUTURE OF SOUTHERN SOTHO.  
South Africa: Shuter & Shoter, p.108-118, 1987.
12. KATUPA (1996) TELEJORNAL TVM - Maputo.
13. LYONS: J. (1972) O QUE É A LINGUAGEM? Introdução ao Pensamento de Noam Chomsky. "s.1.": Editorial Estampa, p.15.
14. NKABINDE, (1986) AN INTRODUCTION TO ZULU SYNTAX.  
Pretória: Acácia, p.90-92.
15. PLESSIS, J.A. VISSER M. (1992) XHOSA SYNTAX.  
Pretória: Via Africa, p.16-18.
16. RAPOSO.
17. RIBEIRO, A. (1965) GRAMÁTICA CHANGANA (Tsonga)  
"s.1.": Editorial Envagelizar.
18. SELIGER, H.W.: SHOHAMY, E. (1989) SECOND LANGUAGE RESEARCH METHODS.  
Oxford: Oxford University Press.
19. TALJAARD, P.S.: BOSCH (1993) HAND BOOK OF ISIZULU. 2ª.ed.  
Pretória: J.L.Van Schaik, p.164.
20. WARDHAUGH, R. (1977) INTRODUCTION TO LINGUSTIC. 2ª.ed.  
New York: Megraw-Hill, p.120-125.

**ANEXOS**  
**3.CORPUS DE DADOS**

**1º.Grupo - Relativas com o pronome absoluto.**

1. Wasanti lweyi hindlu yake hi - w - eke hi makweru  
mulher que casa dela 5Ms cair MRel é minha irmã  
"A mulher cuja casa caiu é minha irmã. (MA.10)
2. Muti lowu yena a - wum - eke ku wona vafundise.  
casa que ele 1Ms sair MRel nela são professores.  
"A casa donde saíu são professores". (I.2)
3. Ndlela leyi fafarisi a - famb - aka hi yona hi lehile.  
caminho que os faríseos 2Ms andar MRel nele é longo.  
"O caminho por onde andas é longo". (I.28)
4. Ndzinyikele buku mufana lweyi ndzi- fund - aka na yena.  
Eu dei livro rapaz que 1ªP/Ms estudar MRel com ele.  
"Eu dei o livro ao rapaz com quem estudo". (MA.15)
5. Xikola lexi hina hi - fund - aka ku xona xihambiwire hi lhangá.  
escola que nós 1ªP/Ms estudar- MRel nela foi feita de canço.  
"A escola onde estudamos foi feita de canço". (OP.20)
6. Bolhela leri vahive va - dlay - eke hi rona mwana.  
garrafa que ladrões 2Ms matar MRel com ele criança.  
"A garrafa com a qual os ladrões mataram a criança". (OP.17)
7. Vanu lava va-famb-eke na vona hi vatsungo.  
pessoas que 2Ms ir MRel com eles são poucos.  
"As pessoas com as quais foram são poucas. (I.16)
8. Male leyi tate a - yamukel - eke yona tólo.  
dinheiro que tia 1Ms receber MRel esse ontem.  
"O dinheiro que a tia recebeu ontem". (OP.15)
9. Tihuku leti mina ndzi-mu - nyik - eke tona bava.  
galinha que eu 1ª.P/Ms Mo dar MRel essas papá.  
"As galinhas que eu dei ao papá". (M.A.1)

## 2º.Grupo - Relativas sem o pronome absoluto.

1. Buku leli mina ndzi-xav - eke li xongile.  
Livro que eu 1ªP/Ms comprar MRel é bonito.  
"O livro que eu comprei é bonito". (OP.16)
2. Xipakani lexi mina ndzi- nyik-e-eke bava.  
gato que eu 1ªP/Ms dar MRel pai.  
"O gato que eu dei ao pai". (M.6)
3. Mandiwa lawa ndzi-xavis- aka vatsonguani  
laranja que 1ªP/Ms vender MRel crianças.  
"A laranja que eu vendo às crianças". (MA.32)
4. Tihuku leti vanu va- nga-dza  
galinhas que pessoas 2Ms MRel comer  
"As galinhas que as pessoas comeram". (OP.25)
5. Male leyi tate a - yamukel - eke tolo.  
dinheiro que mana 1Ms receber ontem  
"O dinheiro que a mana recebeu ontem". (MA.29)
6. Ngonyama leyi mina ndzi- nga- yi- von- a.  
leão que eu 1ªP/Ms MRel Pc5 ver MRel.  
"O leão que eu vi". (I.5)
7. Swihanano leswi mamani a - yamukel eke.  
presentes que senhora 1MS receber MRel.  
"Os presentes que a senhora recebeu".
8. Yindlu leyi yi - w - eke ya mamani  
casa que 5MS - cair - MRel é mamã  
"A casa que caiu é da mamã". (O.P.3)
9. Xiphato lexi mina ndzi - mi - komb - eke nwina  
capítulo que eu 1ª/MS MO mostrar MRel  
"O capítulo que eu amostrei-vos". (M.19)